

**Resenha:** DELEUZE, Gilles. *Michel Foucault: as formações históricas*. Tradução: Cláudio Medeiros, Mario A. Marino. São Paulo : n-1 edições e editora filosófica politeia, 2017. Tradução de: Foucault: les formations historiques.

Rafaela Nobrega<sup>73</sup>  
Adriano Negris<sup>74</sup>

O filósofo francês Gilles Deleuze ministrou dois cursos dedicados ao pensamento de Michel Foucault na Universidade de Paris. Os referidos cursos foram divididos em duas partes, sendo o primeiro deles realizado entre os dias 22 de outubro e 17 de dezembro de 1985 e o segundo de 07 de janeiro a 27 de maio de 1986.

O primeiro curso foi chamado de *Michel Foucault: as formações históricas* (1985) e o segundo denominado *Michel Foucault: o poder* (1986). Os cursos de Deleuze apresentam uma excelente perspectiva acerca do pensamento de Foucault, sendo certo que Deleuze concentrou esses cursos em temas específicos, são eles: saber, poder e subjetivação.

A presente resenha corresponde a transcrição das duas primeiras aulas. Elas integram o conjunto total de oito aulas do curso do ano de 1985 intitulado *Michel Foucault: as formações históricas*. O curso de Deleuze foi transcrito pela *Association Siècle Deleuzien*, sendo traduzido para língua portuguesa por Claudio Medeiros e Mario Antunes Marino. É oportuno esclarecer que a editoras Politeia e N-1, responsáveis pela publicação e distribuição dos dois cursos de Deleuze sobre Foucault, iniciaram a publicação online e gratuita da tradução do primeiro curso.

Vejamos a seguir a exposição do conteúdo das duas primeiras aulas do curso *Michel Foucault: as formações históricas*.

A primeira aula do curso *Foucault: as formações históricas* tem início no dia de 22 de outubro de 1985. Neste momento inicial, Deleuze aborda as formações históricas estudadas por Foucault partindo de um eixo, qual seja, a arqueologia, para servir de fio condutor para o exame das condições presentes em cada época.

<sup>73</sup> Doutoranda em Filosofia no PPGFIL-UERJ

<sup>74</sup> Doutorando em Filosofia no PPGFIL-UERJ

Deleuze aponta que Foucault não pensa em termos de mentalidades e comportamentos. Foucault pretende exceder uma história dos comportamentos e das mentalidades para se elevar às condições dos comportamentos históricos e das mentalidades históricas.

As formações históricas estudadas por Foucault apresentam as condições que se encontram em cada época por meio do que foi chamado de “ver” e “falar”, como esses dois atos condicionais se caracterizam e como são capazes de dotar as épocas de condições específicas capazes de defini-las.

Deleuze perpassa as publicações de Foucault ressaltando a abordagem que estas encerram em suas temáticas, seja em livros sobre linguagem, na observável recorrência dos espaços - como hospitais, asilos e clínicas, seja na reelaboração de sentido dado a “enunciado”. Os estudos sobre os lugares, clínicas e asilos e, posteriormente, as prisões, também encerram estudos dos enunciados presentes.

Dando um panorama bastante didático da obra de Foucault e tendo explicado a necessidade de tê-lo feito – tornar minimamente comum aos ouvintes o repertório do pensador que irão estudar -, Deleuze nos chama para um exercício que nomeia de “tateamento”. Para ele, tatear o pensamento de um autor implica que se observe frequência e estilo, mas também que se confie no que está sendo dito, sem redarguir num primeiro momento, permitindo que o autor fale.

Ao tratar de arqueologia, Foucault se aproxima da história, ou melhor, das formações históricas, mas garante que não exerce uma função de historiador. Ele é filósofo. Na França vivida por Foucault havia um crescente movimento da historiografia francesa, iniciado na década de 1930, interessado em pensar a história das mentalidades conhecido como Escola dos Annales. Foucault recusa que fazer parte desse movimento e, então, Deleuze coloca a questão de como o filósofo Foucault se aproxima desses interesses comuns à história.

As formações históricas em Foucault se definem pelas evidências que apresentam e pelas discursividades, isto é, por um regime de enunciados. Mediante um novo par relativo à linguística, Deleuze lança sua análise de forma de expressão e significante e forma de conteúdo e significado para tratar das visibilidades e dos enunciados. É interessante ressaltar que Foucault não encerra o par visibilidade-

enunciado a essa relação com as formas sob o risco de perder as discursividades empregadas.

Ao abordar um pouco mais detalhadamente a obra de Foucault, Deleuze tenta entender que modalidade de confinamento de loucos está presente em *História da loucura*. Nessa discussão se apresenta a formação de hospitais gerais, que possui como pacientes as pessoas consideradas loucas no século XVII, bem como o questionamento acerca do desenvolvimento da medicina. Nesse sentido, há a constatação de que a psiquiatria não existia enquanto disciplina especializada para tratar condições de saúde tipificadas como loucura.

Assim, Deleuze passa a examinar o ver e o falar relacionando o livro *A palavra e as coisas* e com o texto sobre Magritte. Com isso, Deleuze traça relações entre desenho e o texto na construção da arqueologia foucaultiana. Para ele, Foucault mostra também em *O nascimento da clínica* como o visível se inclui numa circunstância mais elaborada do que o simples ato de ver. O visível não deve ser confundido com aquilo que se vê, mas antes está implicado com a visibilidade. Nesse ponto, Deleuze assume a relação entre os visíveis e os enunciados apontando-os como condições, não como pontos dados imediatamente.

No que diz respeito a essa maneira de ver ou visibilidade, Deleuze mostra que em *História da loucura* e em *Vigiar e punir* tanto o hospital como a prisão são vistos de certo modo. Isso porque o que está sendo visto não é apenas um prédio e sim tudo que nele está implicado, como no caso do hospital em que se vê a loucura. Arquitetura é entendida nesse aspecto como lugar de visibilidade, pois torna organizado o todo visível. Seguindo essa linha que traz a arquitetura como ponto de interesse na esfera do visível, quando Foucault fala em enclausuramento, pontua Deleuze, ele diz mais sobre visibilidade do que sobre o ato de confinar. O hospital e a prisão são, antes de tudo, lugares de visibilidade. A luz atravessa as celas da prisão, numa partilha com as sombras. A luz aparece tanto no aspecto arquitetônico que envolve a construção das prisões como na pintura, sendo então condição para ambos os casos. As visibilidades não são objetos, mas antes brilho, luminosidade.

Deleuze explica que Foucault chama essa visibilidade dos espaços como as dos hospitais e das prisões de evidência, demonstrando como as formações históricas apresentam as evidências de seu tempo, podendo e sendo superada pela época seguinte.

Assim sendo, “ver” e “falar” são forjados pela sociedade de cada época em sua capacidade máxima, vendo e falando tudo que pode. Tanto os enunciados médicos e a visibilidade dos hospitais, quanto os enunciados do direito penal e a visibilidade das prisões, não tem relação arqueológica, inaugurando assim novo par de análise: visibilidade-enunciado. Esse novo par suscita uma comparação para efetiva compreensão dos elementos que envolvem as formações históricas as quais estão atreladas, a visibilidade da loucura no hospital e os enunciados médicos. Medicina como aquela que enuncia a doença, enquanto o hospital dá visibilidade. Direito penal enuncia, prisão dá visibilidade. Mas nesse último caso são distintos, uma vez que o direito penal não remete às prisões, ou melhor, as prisões não resultam do direito penal como sanção. A prisão cumpre papel mais alinhada à disciplina extra jurídica.

Deleuze aponta em Foucault o primado dos enunciados sobre as visibilidades, porém não quer dizer que se possa reduzir o visível ao enunciado. Para esclarecer esse ponto, Deleuze apresenta algumas teses que orientam o caminho pelo qual percorre seu exame. Começa por apontar que não há isomorfismo entre ver e falar, portanto são de naturezas distintas as visibilidades e os enunciados. Ver-falar é uma disjunção. Essa disjunção remete a uma não-relação e essa não-relação é uma relação, mas uma relação de não conformidade. Portanto, a relação entre visibilidade e enunciados é uma batalha de captura mútua, pois como são irreduzíveis e de naturezas distintas, não há acordo entre as partes e a relação é de violência.

Deleuze, então, nos apresenta na primeira aula as formações históricas em Foucault como arqueologia, trabalhando as condições para atingi-la, sendo certo que ela difere do trabalho historiográfico porque atinge as formas puras das visibilidades e dos enunciados. Deleuze define as formações históricas como agenciamentos irreduzíveis entre o visível e o enunciável, tendo cada formação seu próprio agenciamento que a qualquer sinal de mudança implica que a formação histórica seja outra.

A aula do dia de 22 de outubro de 1985 finda com um apontamento do que será tratado na aula seguinte, em que se considerará o saber como outro eixo de análise. Assim, Deleuze afirma que ver e falar constituem um saber e, desse modo, a arqueologia do saber seria a combinação entre o ver e o falar.

Na aula dia 29 de outubro de 1985, retomando o que deixou em aberto na aula anterior, Deleuze mostra como Foucault compreende as relações entre processo, método

e verdade para dar início ao segundo eixo sobre o qual identifica a organização do pensamento foucaultiano.

A questão filosófica de Foucault gira em torno das condições pelas quais uma formação histórica acontece. Visibilidades e enunciados definem uma época por tratar do que se vê e do que se fala em determinado período, tendo assim suas particularidades, não sendo o mesmo visto e o mesmo dito quando se trata de formações históricas distintas.

Na primeira aula foi abordada a arqueologia como primeiro eixo sobre o qual se organiza o pensamento de Foucault, digamos, assim, o eixo das condições das formações históricas. O segundo eixo é o saber. Saber é também formação histórica porque combina ver e falar, portanto, todo saber é histórico. Mas o saber não tem objeto nem sujeito. O saber e o conhecimento não são a mesma coisa e nem todo saber é científico. Deleuze fala do saber como um estrato, e um estrato compreende diversos limiares.

Interessado em observar melhor como Foucault procede sobre como o tema do saber e da verdade se entrelaçam nas formações históricas, Deleuze nota que as relações entre saber e verdade são tratadas por procedimento que ocorrem em meio as práticas discursivas e não-discursivas do enunciado. O saber constitui assim uma prática de enunciados e visibilidades e Deleuze mostra que em Foucault o visível e o enunciável são *a priori*, ou seja, independentes da experiência.

No entanto, uma questão patente é colocada: como reconhecer um enunciado? Deleuze ressalva que o enunciado, assim como a visibilidade, não está dado, ainda que não esteja oculto, ele precisa ser encontrado. Enunciados mudam com as épocas e adquirem novo caráter. Ao considerar os regimes de enunciados dos séculos XVII e as distinções que começam a acontecer no século seguinte, Deleuze observa que Foucault identifica as transformações dos enunciados jurídicos, políticos etc e que estes alteram as noções de soberania mortífera e controle da vida. Desse modo, a pergunta colocada não é respondida de modo simples, uma vez que a questão encerra complexidades, mas há o indicativo de como se deva proceder para encontrá-lo na aula seguinte, dada em 05 de novembro do mesmo ano, em que relaciona também um outro eixo, que é o eixo do poder.

Temos nessas duas primeiras aulas do curso ministrado por Deleuze acerca das formações históricas em Foucault a abordagem do pensamento deste mediante dois eixos: arqueologia e saber. Ambos reforçam a ideia de que cada período histórico possui suas condições próprias para desenvolver comportamentos, mentalidades e procedimentos de saber e verdade. Ao repassar a obra de Foucault com seus alunos, Deleuze salienta os pares com os quais se podem organizar as ideias. Contudo, ele ressalta que Foucault não é um analítico, ainda que se possa traçar uma comparação com filósofos analíticos. Para Deleuze o dualismo de Foucault é imbuído de paixões.

Deleuze destaca que para se alcançar o par visibilidade-enunciado não se pode reduzir à função ótica ou da linguagem, trata-se de constituir esses regimes que não são dados. Nesse sentido, as condições para que visibilidades e enunciados floresçam estão imbricadas numa rede pela qual Foucault se coloca a partir de uma abordagem filosófica que ultrapassa os comportamentos e as mentalidades. Ver e falar são elementos puros que não se reduzem a comportamentos ou ideias.

Assim, temos uma boa noção de como as condições das formações históricas se apresentam no pensamento de Foucault nestas duas aulas com as quais lidamos, abarcando o visível e o enunciável em cada época, dimensionando que o saber também está implicado nesses estratos. O professor Deleuze nos presenteia com a sagacidade de sua abordagem acerca da obra de um contemporâneo seu e nos instiga a lançar um olhar cuidadoso sobre o pensamento de Foucault.